

A autonomia é um direito e um desejo de todos os indivíduos, cultivada desde as descobertas na infância. Para crianças, vestir é um dos atos que representam a conquista de um espaço de autonomia. Para os adultos em geral, vestir-se rotineiramente, a cada dia, seja para a escola ou para o trabalho é um dos atos mais comuns e menos percebidos, por vezes ocorrendo de forma automática. Trata-se de uma experiência essencialmente individual, principalmente se pode haver escolha (o que não ocorre no uso de uniformes). Contudo, para um expressivo número de pessoas, atividades tão simples, que podem ser automatizadas, tornam-se grandes desafios, ou mesmo impossibilidades. Diversos tipos de deficiência física ou mental tornam uma ação rotineira em um desafio diário a ser vencido. Os deficientes visuais, que representam cerca de 10% da população brasileira, são um público em potencial para o design de moda, mas na sua maioria não são vistos.

Os produtos de design são projetados de maneira a resolver problemas sempre renovando a independência e autonomia do usuário, porém quase não existem estudos na área da moda para a produção destes produtos de maneira adequada aos deficientes físicos. Neste estudo foram levantadas informações sobre o funcionamento de atividades da vida diária de um deficiente visual e suas dificuldades perante estas atividades, como na hora de comprar produtos de moda e vestir-se. Foi constatado que os produtos de moda na sua maioria não são acessíveis aos deficientes visuais pois não tem nenhuma indicação de informações, como cor e estampa, importantes para a escolha do produto. Este consumidor fica então na dependência de um vidente que o repasse estas informações visuais na hora da compra ou do vestir-se, não tendo independência no momento da escolha.